

A Helena moderna
The modern Helena

Cláudia Thurler Ricci
Mestre em História Social da Cultura. PUC/RJ.
Pesquisadora do Centro de Arquitetura e
Urbanismo da Cidade do Rio de Janeiro.



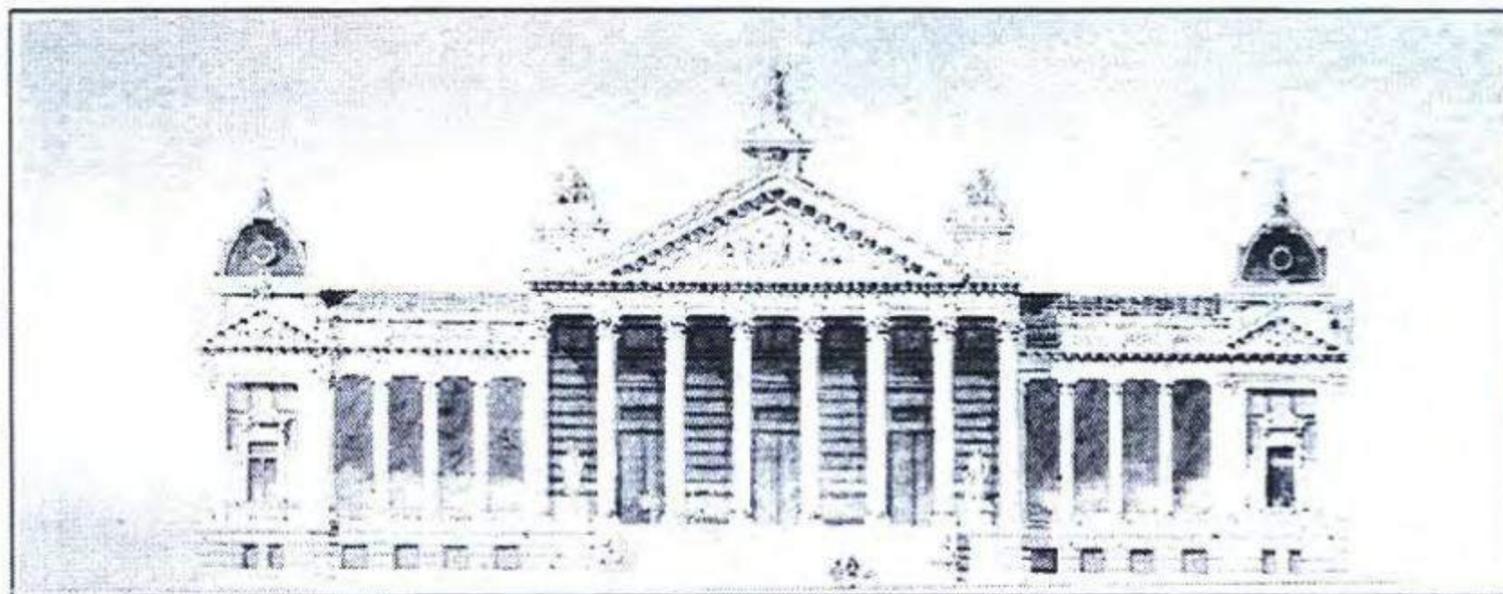
Adolfo Morales de los Rios por Caixto. Rio de Janeiro, s/d.

O Rio de Janeiro em inícios do século XX vivia o auge da arquitetura eclética, com suas edificações permeadas de citações a estilos do passado. A história colocava-se como fonte irremediável para a construção desta cidade que ansiava por tornar-se parente de uma Europa civilizada, transformando-se igualmente em modelo de ordem e progresso. O futuro a ser construído tinha no estudo detalhado das manifestações humanas ocorridas no passado, a garantia de sua efetivação, como se este fosse um lastro seguro apontando para a concretização deste projeto de sociedade. Entretanto a ligação com este passado estudado e esquadrihado não significava uma pura submissão aos estilos históricos, pois a individualidade do artista encontrava-se garantida.

Surgia então uma aparente contradição. Como operacionalizar um estilo que fosse, ao mesmo tempo, pautado pelas formas do passado e expressão individual, garantindo seu estatuto de produção atual? O arquiteto espanhol Adolfo Morales de los Rios (Sevilha, 1858 – Rio de Janeiro, 1928) se apresenta como oportunidade ímpar para refletir sobre esta estreita relação entre história e arte/ar-

quitetura na constituição de um estilo que congregasse passado e presente, na constituição de um projeto de futuro.

Segundo Morales de los Rios as artes são pautadas pelo eterno cobrir e recobrir, numa transição lenta e gradual, na qual as formas plásticas surgem como resultado de um sistema de idéias – ou usos e costumes, no dizer de Morales – que as gerou. Tendo este sistema entrado em colapso, mudam-se as formas, ou melhor, as antigas são recobertas por outras que têm como função dar conta deste novo sistema que se encontra em gestação e, neste suceder-se de significados, encontra-se a história das artes. Portanto, deste princípio original, onde foram instauradas as regras do belo, a evolução do homem tem sido realizada como um eterno religar de elos que comportam a permanência e a transformação. Permanência, pois não se pode nunca esquecer dos elementos essenciais da beleza, intuídos pelo homem quando este se depara com as maravilhas da natureza. Transformação, porque o mundo evolui, as idéias se transmudam em outras idéias e, portanto, se a forma é resultado da transcodificação das idéias na matéria, ela é também mutável, tal qual a idéia que lhe deu origem.

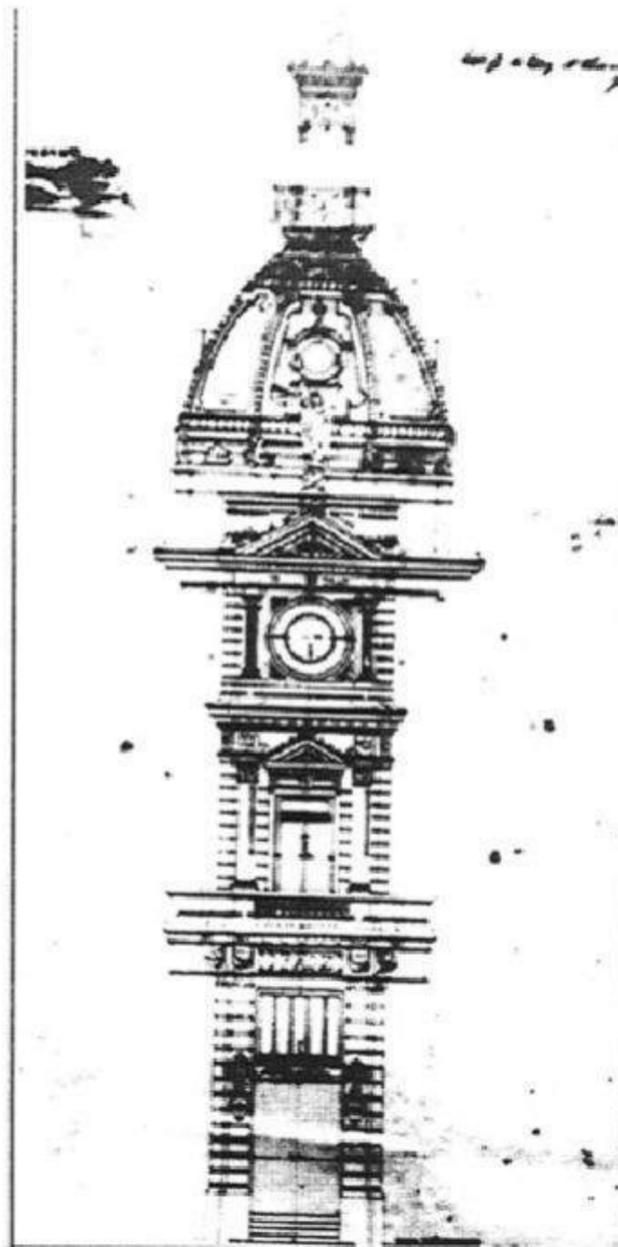


Adolfo Morales de los Rios – projeto para um Palácio (Acervo NPD-FAU/UFRJ).

Conta-nos Adolfo Morales de los Rios que Zêuxis ao fazer a estátua de Helena, nela resumiu a beleza das mulheres de Agrigento, constituindo uma obra admirável por ser a conjugação, em uma única figura, de toda a perfeição encontrada na *polis* grega. Mas conta-nos também, que seria impossível para este artista produzir obra tão bela se não encerrasse em si a “exata idéia da beleza”. Impossível, porque de nada bastaria a pura inspiração neste esforço de tornar harmônico um conjunto formado por diversos fragmentos, embora estes fossem considerados em sua individualidade os mais belos.¹

Zêuxis nos é apresentado como a expressão do artista que alcança a perfeição, pois traz em si a idéia da beleza, que para Morales “(...) é como uma luz interna do espírito que, iluminando-o lhe relembra um estado de perfeição passada.”² Mas a obra de Zêuxis também corporifica, neste relato, a própria “idéia da beleza” que toma concretude na arte grega, no esforço desempenhado pelo artista para consagrar o tipo exato de beleza.

Esta perfeição atingida pelo povo grego marca, para Morales, a origem da arte, devendo-se, portanto, reverenciar eternamente aqueles que foram capazes de sintetizar em formas artísticas as formas da natureza, estabelecendo pela primeira vez as regras e as leis do belo. Mas esta celebração também aponta para a fonte, à qual devemos sempre recorrer, posto que ocupa o lugar de exemplaridade. E o caminho a ser seguido, a partir de então, em matéria de arte, nos é indicado por Morales: “As gerações futuras não teriam, na frase de Platão, senão que lembrar-se.”³



(Adolfo Morales de los Rios – Edifício Sede da Sociedade Anônima O Paiz – Centro, RJ. 1904 (Acervo Arquivo Nacional).

O eterno lembrar desta perfeição encontra-se presente nas reflexões de Morales de los Rios acerca das manifestações artísticas e também na sua prática arquitetônica. Entretanto, mesmo reafirmando a existência do ideal grego de beleza, tratará de acrescentar constantes que lhe possibilitem referendar a sua crença de que a obra de arte é também manifestação da individualidade do artista. Portanto, não é mera reprodução, mas ideal re-estruturado por este sujeito que, ao lembrar as idéias do belo – ordem, proporção e simetria –, as re-elabora gerando uma obra que é expressão individual e marca deixada por uma sociedade nos objetos por ela elaborados.

Acompanhar a estruturação do pensamento de Morales de los Rios significa compreender sua própria concepção de criação artística e a estreita ligação que estabelece com as obras do passado. Para o arquiteto, todos os processos de criação devem pressupor o conhecimento do que foi outrora produzido, como se estivéssemos atrelados à nossa história de forma tão inexorável que qualquer passo a ser dado devesse pressupor o conhecimento profundo do passo anterior:

*E desta vez, a recordação não se verificaria de maneira caprichosa. Estava regulada em leis. Bastava copiar. E para criar mais tarde um estilo próprio, é preciso saber bem copiar e copiar o que é belo.*⁴

Deve-se, nas palavras de Morales, saber “copiar e copiar o que é belo”, pois somente a correção presente neste ato é que possibilita uma produção original. Ao artista cabe o conhecimento exato dos cânones do passado, conhecimento adquirido através da cópia e que tem no desenho, a corporificação da consciência acerca das formas produzidas na história, tornando-se portanto substrato de toda e qualquer criação artística. Desta forma, a cópia constitui uma etapa a ser cumprida no aprendizado artístico, e o desenho torna-se o momento primordial para a criação posterior de uma obra original. Mas faz-se necessário compreender que a originalidade, a criação desta nova obra, só se torna possível quando atrelada ao profundo conhecimento adquirido através da cópia de todas as belezas produzidas até então.

Certamente Morales leu Winckelmann e compartilhava de sua visão, embora não operasse com a clara distinção entre imitação e cópia, estabelecida por este estudioso. Para Winckelmann a cópia constitui-se no “servir servilmente”, pois copia-se somente porque o modelo é considerado superior e perfeito, resultando uma obra onde a personalidade criativa é anulada. Já no que se refere à imitação, “(...) a coisa imitada, se é feita com entendimento, pode assumir quase que uma outra natureza e tornar-se original.”⁵ Morales, a bem da verdade, quando se refere à cópia, se apropria do sentido positivo dado por Winckelmann à imitação, e dele faz uso para positivar a própria relação do artista com seu modelo no aprendizado artístico.

Mas se a cópia, através de seu instrumento prático, o desenho, se torna a possibilidade da organização das formas do passado, no desenvolvimento de sua reflexão percebe-se a grande importância atribuída por Morales ao artista. Este é tornado sujeito que agencia a criação das novas formas plásticas, resultando em uma abertura para o aparecimento de sua subjetividade.

*É que as artes do desenho não existindo senão pela forma, não se tornam sublimes senão pelo pensamento e pela parte da alma própria que o artista soube inculcar à matéria inerte.*⁶

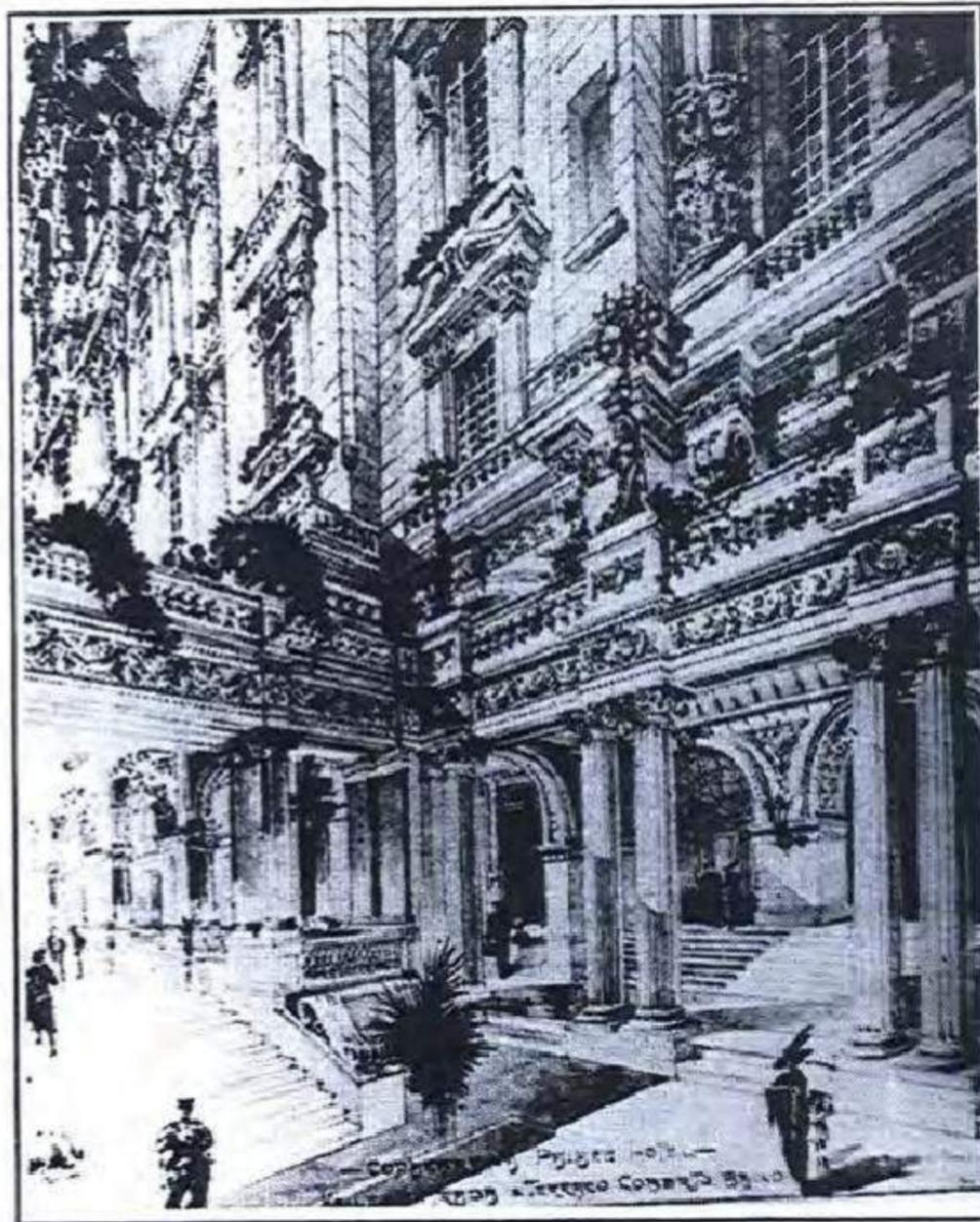
O desenho assim visto não pressupõe somente a transposição das formas plásticas de um suporte físico para outro. Neste lento aprendizado, ele se torna também possibilidade de manifestação da individuali-

dade do artista. É certo que, para Morales, a obra resulta da conjugação da idéia ingênita da beleza, da qual não se pode prescindir, aliada ao conhecimento das obras do passado, adquirido através do desenho, mas principalmente pela existência deste terceiro fator que é o “pensamento e a alma do artista”.

A presença da individualidade trabalhando esta “idéia exata da beleza” coloca-se como condição para que o objeto artístico caminhe para além da mera reprodução de formas do passado. Toda e qualquer manifestação artística surge, desta forma, como produto da expressão de uma individualidade que pertence a um tempo e um espaço, sendo o artista portanto aquele que carrega em si as características resultantes da combinação destas duas variáveis, que resultam, na compreensão de Morales de los Rios, nas crenças e nos costumes de um povo.

Pensar no artista como aquele que, pertencendo a um povo ou raça – pertencer significa ser agente e catalisador das transformações ocorridas no mundo, possui certos costumes e crenças, resulta em poder pensar igualmente na possibilidade da produção de obras que carregam em si, como marcas, determinadas especificidades que foram cinzeladas nas formas moldadas pelo artista. E para Morales, o ato de cravar na pedra os costumes de um povo surge como uma urgência, como se para esta tarefa o artista fosse impelido.

A matéria, alheia às locubrações (sic) do poeta e o ideal artístico alheio ao trabalho do simples operário formam a base desta arte na qual a matéria fica idealizada sob



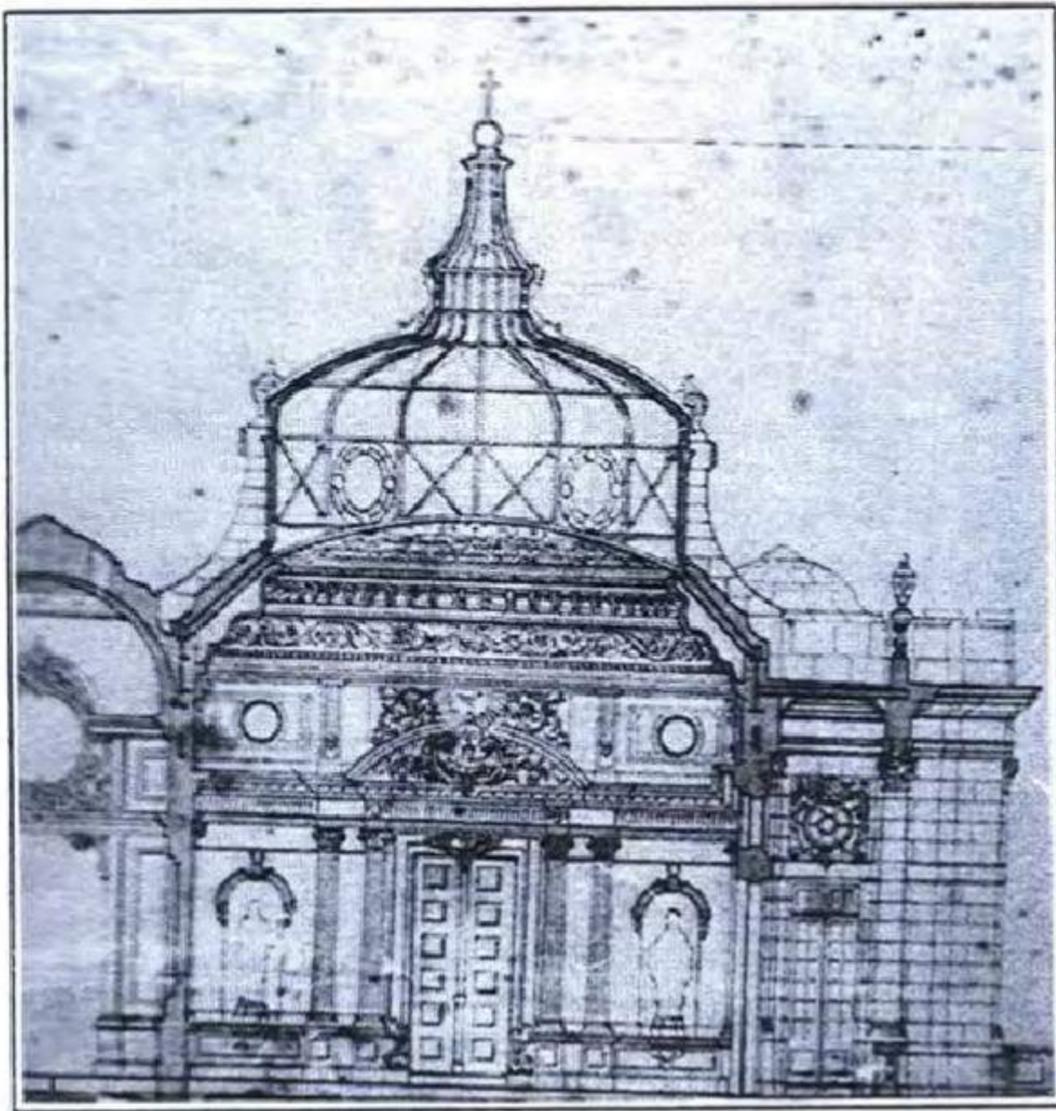
Adolfo Morales de los Rios – projeto para o Hotel Copacabana Palace (Copacabana, RJ. c. 1920).

o impulso do pensamento do artista que por sua vez emprega a matéria para salvar o ideal, que se acha resumido na família, quer vinculado ao poderio de uma raça, quer concretado na religião de um povo.?

É este o significado que Morales acredita estar presente em toda produção artística; é este o traço deixado por aqueles que fazem da arte a materialização não só da idéia que carregam em si do belo, mas também da visão que possuem deste belo, e que se encontra intimamente associada ao tempo e ao espaço a que pertence este homem. Afinal para Morales:

(...) com os estilos foram criados os caracteres peculiares, os cortes racionais, a ornamentação adequada, a proporção conveniente, o cunho com que os povos marcam seus costumes nos edifícios por eles levantados.⁸

A arte assim vista, torna-se vestígio de uma civilização, marca deixada pelos povos. A possibilidade de pensar a arte segundo este viés, permite a Morales de los Rios pensar a produção arquitetônica como



Adolfo Morales de los Rios – Palácio Arqueiepiscopal, Glória, RJ, 1910. Acervo AGCRJ.

catalisadora das características de um tempo e de um espaço específico. Assim sendo, Morales encontra seu lugar dentro do uni-

verso artístico, justificando conseqüentemente sua produção arquitetônica, pois se reconhece como artista que molda na pedra a história de seu tempo, cumprindo seu dever de criar uma arte que seja incorporada como sua expressão.

A teoria elaborada por Morales acerca do belo e da criação artística tem como mote principal o seu desejo de compreender e, conseqüentemente, sedimentar sua própria prática arquitetônica. Daí resulta que ao percebermos como esta reflexão consubstancia a sua prática, somos levados a compreender esta nova linguagem da qual se apresenta como defensor, inclusive ao se denominar “ecclético em matéria de estilos”.⁹

Se a forma arquitetônica é vista como forma que encerra em si, ao ser moldada por aquele que a produz, a beleza alcançada no passado, mas também as intervenções do olhar daquele que, vivendo no presente, dele é o seu melhor intérprete, o ato projetual torna-se congregação das leis originais da idéia do belo – a ordem, a proporção e a simetria – com o sentimento e a alma do artista (leia-se crenças e costumes). O que Morales está de certa forma acentuando é a presença imprescindível para ele, do artista como sujeito de transformação, agente que catalisa em sua figura o espírito de seu tempo.

Embora sujeito a este determinismo original, que lhe oferece as leis do belo, Morales necessita acrescentar certos dados à criação artística, de forma a subtilmente descolá-la de uma pura serventia, como se

ao artista não restasse nada além do mero reproduzir de leis estabelecidas. Reconhece a validade destas leis e as reverencia como suporte básico de sua produção, mas por se reconhecer também como sujeito da história – história esta que progride incessantemente, que acumula experiências ao longo da trajetória do homem –, reconhece-se como aquele que molda a matéria, retirando-a de sua inércia e transformando-a em pensamento plástico.

A partir do momento que acrescenta ao universal, representado pela idéia do belo, as duas variáveis que são tempo e espaço, ou seja duas variáveis que comportam a interferência de particularidades, Morales de los Rios pode não só pensar em uma história do belo que seja universalizante, pois que está atrelada a princípios comuns, como tam-

bém pode construir uma história das particularidades, dos estilos, que têm a sua razão de ser na interferência do sujeito, já que este representa uma certa cultura.

Na verdade, a ênfase no indivíduo que Morales a todo momento busca afirmar, ao incluir estas variáveis, resulta da própria justificativa acerca de sua produção. A obra de arte vista sob esta perspectiva lhe permite ver-se herdeiro de uma tradição e senhor de uma transformação. A sua identidade com Zêuxis caminha para além da simples citação. Morales é Zêuxis, ou ao menos deseja sê-lo. Deseja tornar-se o herói grego que trazendo dentro de si a idéia do belo, é capaz de recolher todas as belezas do mundo e operar dentro de si a síntese que foi operada nesse passado tão remoto, mas tão glorioso. Sua inspiração para a composição do



Adolfo Morales de los Rios – Edifício da Escola Nacional de Belas Artes, atual Museu Nacional de Belas Artes, Av. Rio Branco, Centro, RJ. 1906 (Foto Marc Ferrez).

edifício eclético é a estátua de Helena – onde Zêuxis foi o sujeito capaz de nela resumir todas as belezas das mulheres de Agrigento: ela é um conjunto de perfeições. O edifício eclético deseja ser um conjunto de belezas de todas as épocas, reunindo o que há de mais perfeito em todos os estilos, o que há de mais significativo, alinhavando e reescrevendo esta história, tal qual um marco cuja função é sintetizar, pois indica ao mesmo tempo a chegada de um caminho já percorrido, acenando para a existência de um caminho a ser desbravado.

Para Morales, é deste esforço que nasce a obra de arte, é deste esforço organizativo que é possível construir um edifício eclético. A produção de Morales de los Rios é, na verdade, o desejo de construção de uma Helena moderna, esta sim, uma obra de arte bela e que traz em si a reunião, ou melhor, é o resumo de todas as belezas da história da arte.

Notas

1. Morales de los Rios, Adolfo. *Tese apresentada ao concurso para o lugar de lente de estereotomia da Escola Nacional de Belas Artes*. Rio de Janeiro, 1897. p. 10-11
2. Idem, p. 10.
3. Idem, p. 11.
4. Idem, p. 12.
5. Winckelmann, J.J. *Reflexões sobre a arte antiga*. Porto Alegre: Movimento, 1975, p. 47.
6. Morales de los Rios, Adolfo. *Tese apresentada ao concurso...* Op. cit., p.14.
7. Idem, ibidem.
8. Idem, ibidem.
9. A remodelação urbana do Rio de Janeiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1926, p.1-2.

Bibliografia:

MORALES DE LOS RIOS, Adolfo. *Tese apresentada ao concurso para o lugar de lente de estereotomia da Escola Nacional de Belas Artes*. Rio de Janeiro, 1897.

Winckelmann, J.J. *Reflexões sobre a arte antiga*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

A remodelação urbana do Rio de Janeiro. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1926.